



TESSA DARE

~ Série Castles Ever After ~

Diga sim ao Marquês

*“Prepare-se
para se apaixonar”*
JULIA QUINN



~ Série Castles Ever After ~

TESSA DARE

Diga sim ao Marquês

TRADUÇÃO: A C Reis



Copyright © 2015 Eve Ortega
Copyright © 2016 Editora Gutenberg

Título original: Say Yes to the Marquess

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA

Silvia Tocci Masini

EDITORES ASSISTENTES

Carol Christo

Felipe Castilho

Nilce Xavier

ASSISTENTES EDITORIAIS

Andresa Vidal Branco

REVISÃO

Lucia Scoss Nicolai

CAPA

Carol Oliveira

(Sobre as imagens de DanyL e Daria_Cherry)

DIAGRAMAÇÃO

Carol Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Dare, Tessa

Diga sim ao Marquês / Tessa Dare ; tradução A C Reis. – 1. ed. –
Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2016. – (Série Castles Ever After, 2)

Título original: Say Yes to the Marquess.
ISBN 978-85-8235-369-1

1. Ficção histórica 2. Romance norte-americano I.
Título. II. Série.

16-01629

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances históricos : Literatura norte-americana 813

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA



São Paulo

Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar . Conj. 2301 .
Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ
Tel.: (55 21) 3179 1975

www.editoragutenberg.com.br

*Para o grande cachorro marrom, de saudosa memória.
Você foi um garoto muito bom.*



Diga sim ao marquês

“Você entendeu mal”, ele se forçou a dizer.
“Eu não odeio você.”

“Oh, é sério?” Ela se virou para encará-lo.
“Olhe no fundo dos meus olhos e diga, com sinceridade, o quão ansioso você está para me chamar de irmã.”

Maldição.

Lá fora, a chuva caía como uma advertência. Ele sentia o sangue pulsar como um trovão em suas orelhas.

“Você não consegue dizer”, ela sussurrou.
“Consegue?”

“Honestamente? Não, não consigo.”

A mágoa contorceu as feições dela. E ele quis socar a parede até abrir um buraco.

“Muito bem, então.” Ela se abraçou. “Ótimo. Agora que nós sabemos o que sentimos um pelo outro, podemos parar de fing...”

Maldita seja sua natureza impulsiva e audaciosa.

Antes que pudesse mudar de ideia, ele a pegou e puxou para perto, virando o rosto de Clio para encará-lo.

Passando um dedo pelos lábios macios e trêmulos dela.

Segurando-a para beijá-la.





Capítulo Um

“Oh, Srta. Whitmore. Olhe só que lugar horroroso.”

Enquanto descia da carruagem, Clio Whitmore observou a passagem estreita, de paralelepípedos, entre duas fileiras de armazéns.

“Parece um beco, Anna.”

“Fede a sangue. Deus nos ajude. Nós vamos ser *assassinadas!*”

Clio segurou o sorriso. Sua criada pessoal era maravilhosa para fazer cachos em seu cabelo, mas a capacidade mórbida de sua imaginação era ainda mais incomparável.

“Nós não vamos ser assassinadas.” Depois de pensar por um instante, ela acrescentou, “Não hoje, pelo menos.”

A Srta. Whitmore teve uma boa criação, com os benefícios da educação formal e muita atenção ao decoro. Ela estava noiva do jovem diplomata mais promissor da Inglaterra e não era o tipo de moça imprudente que se arrisca em becos suspeitos à meia-noite, com uma pistola descarregada no bolso, à procura do canalha mais infame de Londres.

Não, de jeito nenhum.

Quando Clio saiu à procura do canalha mais infame de Londres, ela esperou até o meio-dia. Clio entrou no beco suspeito acompanhada por um laçao, sua criada pessoal e um pouco de medo. E ela não portava nenhuma arma.

Sério, de que adiantaria? Quando o homem que você procura é um lutador de boxe com 1,80 de altura e que pesa cem quilos, uma pistola descarregada não serve para nada. As únicas armas letais em questão eram os punhos dele, e uma garota só pode esperar que elas estejam do seu lado.

Rafe, por favor, fique do meu lado. Só desta vez.

Ela seguiu em frente pela viela estreita e úmida, levantando a barra rendada de suas saias e tomando cuidado para não prender o salto dos sapatos no piso irregular.

“Como o segundo filho de um marquês vem parar num lugar desses?”, Anna perguntou, enquanto tentava pisar apenas nos paralelepípedos mais limpos.

“De propósito. Lorde Rafe deu as costas para a sociedade anos atrás. Ele adora a vida selvagem.” Mas, por dentro, Clio se perguntava a mesma coisa. Da última vez em que viu Rafe Brandon, o homem que seria seu cunhado, ele ostentava ferimentos graves. Não eram apenas as consequências físicas da sua pior – quer dizer, sua única – derrota na carreira de boxeador, mas também o baque causado pela morte repentina do pai.

Na época, ele parecia estar em um momento ruim. Muito ruim. Mas não tão deprimente quanto aquele lugar.

“Aqui estamos.” Ela bateu na porta e ergueu a voz. “Lorde Rafe? Está aí? É a Srta. ...” Ela engoliu o nome. Talvez não fosse aconselhável expor sua identidade em um lugar daqueles. “Eu só preciso de alguns minutos do seu tempo.”

Uns minutos e uma assinatura. Ela apertou o maço de papéis em sua mão.

Nada de resposta.

“Ele não está em casa”, Anna disse. “Por favor, Srta. Whitmore. Precisamos ir se quisermos chegar ao Castelo Twill antes do anoitecer.”

“Ainda não.”

Clio se aproximou da porta. Ela ouviu ruídos lá dentro. O ranger de cadeiras sendo arrastadas no chão. Alguns baques surdos. Oh, ele estava lá dentro e a ignorava de propósito.

Ela estava dolorosamente acostumada a ser ignorada. Seu noivado havia lhe dado anos de prática.

Quando ela tinha 17 anos, Lorde Piers Brandon, o belo e autoconfiante herdeiro do Marquês de Granville, obedeceu aos desejos de ambas as famílias e lhe propôs casamento. Ele se ajoelhou na sala de estar dos Whitmore e colocou um anel de ouro e rubi no dedo dela. Clio sentiu como se estivesse sonhando.

Um sonho com um pequeno problema. Piers estava no início de uma carreira promissora em diplomacia, e Clio era muito nova para assumir os deveres da administração de uma casa. Eles tinham

todo o tempo do mundo, Piers disse. Ela não se incomodaria com um noivado longo, certo?

“Claro que não”, ela respondeu.

Em retrospecto, pensava que talvez devesse ter dado uma resposta diferente ao noivo. Como, por exemplo, “Defina ‘longo’.”

Oito anos – e nenhum casamento – depois, Clio continuava esperando.

No momento, a situação dela era motivo de piada. Os jornais de fofocas começaram a chamá-la de “Srta. Wait-More (Espera-Mais)”. Os boatos a seguiam por toda parte. Todos se perguntavam o que poderia estar mantendo o futuro marquês longe da Inglaterra e do altar. Seria ambição, alguma distração... dedicação ao dever? Ou, quem sabe, dedicação a uma amante estrangeira?

Ninguém sabia dizer. Muito menos a própria Clio. Ah, ela tentava rir dos boatos e das fofocas, mas por dentro... Por dentro aquilo a machucava muito. E a fazia se sentir absolutamente só.

Bem, aquilo tudo acabava ali. A partir daquele momento ela seria a Srta. Não-Espera-Mais.

Clio virou a maçaneta de bronze com a mão enluvada e a porta se abriu.

“Fiquem aqui”, ela disse para os criados.

“Mas. Srta. Whitmore, não...”

“Eu vou ficar bem. A reputação dele é horrível, mas nós somos amigos de infância. Eu passava os verões na casa da família dele e estou noiva de seu irmão.”

“Ainda assim, Srta. Whitmore... Nós precisamos combinar um sinal.”

“Um sinal?”

“Uma palavra para você gritar se estiver em perigo. Algo como ‘Tânger’, ou... ou talvez ‘muscadínia’.”

“Tem algo de errado com a palavra ‘socorro’?”, Clio falou com ironia.

“Eu... bem, acho que não.”

“Muito bem.” Ela sorriu, incapaz de suportar a expressão de decepção da criada. “Então vai ser ‘muscadínia’.”

Ela passou pela porta, atravessou um corredor escuro e chegou a um cômodo com teto muito alto.

O que encontrou fez seu sangue gelar... *Oh, muscadínia.*

Ela piscou e se obrigou a olhar de novo. Talvez não fosse ele.

Mas não era possível confundir o perfil dele, com aquela curva acidentada que formava seu nariz, marcado por cicatrizes. Mais o cabelo escuro e farto, o maxilar forte, a largura impressionante dos ombros... Aquele era o próprio Lorde Rafe Brandon, empoleirado em uma viga, a cerca de quatro metros acima do chão. Ele tinha uma corda nas mãos, que amarrava com cuidado à viga. E na extremidade da corda havia um laço. Um laço corredio.

O que ele tinha não era apenas depressão. Era algo muito pior.

E ela chegou no momento exato.

Clio sentiu o coração palpitar em pânico. *Tum-tum. Tum-tum.*

“Meu lorde!”, ela exclamou. “Não faça isso!”

“Srta. Whitmore?”, ele olhou para ela.

“Isso. Isso, sou eu.” Avançou calmamente, erguendo a mão espalmada em um gesto de paz. “É a Srta. Whitmore. Clio. Eu sei que já tivemos nossas diferenças. Aliás, não sei se já tivemos algo *que não* diferenças. Mas estou aqui para lhe ajudar. E eu lhe imploro para, *por favor*, reconsiderar essa decisão.”

“Reconsiderar.” Ele olhou com firmeza para ela. “Você quer me impedir de...”

“Isso. Não faça algo de que vai se arrepender. Você tem tanto pra viver.”

Ele refletiu por um instante.

“Não tenho mulher nem filhos. Meus pais estão mortos. Meu irmão e eu não nos falamos há quase uma década...”

“Mas você deve ter amigos. E possui tantas qualidades.”

“Quais, por exemplo?”

Droga. Clio devia imaginar que ele perguntaria. Ela repassou em sua cabeça tudo o que sabia sobre a vida dele nos últimos anos. A maior parte vinha dos jornais, e quase todas as notícias tinham sido pavorosas. Rafe Brandon tinha conquistado a reputação de ser impiedoso nas lutas de boxe e sem-vergonha em todo o resto. Sua fama de acabar com as mulheres na cama era quase tão legendária quanto sua rapidez no ringue. Seu apelido era Filho do Diabo.

“Força!”, Clio sugeriu. “Essa é uma qualidade incrível.”

Ele apertou um nó.

“Touros são fortes. Isso não os salva da morte quando não conseguem mais puxar uma carroça.”

“Não fale assim. Talvez você não seja mais o campeão, mas isso não significa que perdeu seu valor.” Ela tentou encontrar algo, qualquer coisa. “Lembro que você deu parte dos seus ganhos para um fundo de viúvas da guerra. Não é verdade?”

“É possível.”

“Aí está. É isso. Caridade é a melhor das virtudes.”

Ele terminou de atar um nó e puxou a corda para testar a resistência.

“Não adianta. Uma única boa ação não vai compensar meus pecados. E todas as mulheres que eu seduzi?”

“Eu...” Oh, céus. Como alguém consegue falar sobre essas coisas em voz alta? “Eu... eu imagino que algumas delas devem ter gostado.”

E com isso ele riu. Foi uma risada seca, baixa... mas ainda assim uma risada.

Riso era um bom sinal, não é mesmo? Homens que riem não se enforcam. Não devia incomodar Clio que ele estivesse rindo *dela*.

“Posso lhe garantir, Srta. Whitmore, que *todas* gostaram.”

Ele deixou a corda cair, ficando pendurada na viga, e então desceu por ela, usando a força de seus braços, até terminar bem diante de Clio. Ele estava descalço e vestia calças cinzas e uma camisa de algodão com o colarinho aberto. Os olhos verdes de Rafe a desafiavam a transgredir o decoro de dez maneiras diferentes. E aquele sorriso debochado que ele mantinha nos lábios apenas afirmava que ela não tinha coragem para transgredir nada.

“Pode respirar”, ele disse. “Você não interrompeu um suicídio.”

Ela aceitou a sugestão. Seus pulmões foram inundados por ar e todo o resto por alívio.

“Mas o que eu devia pensar? Você estava em cima da viga, com a corda, o laço...” Ela apontou para a evidência. “O que mais você poderia estar fazendo?”

Sem falar nada, ele caminhou até a extremidade do salão. Ali, pegou um saco de lona recheado de palha com um gancho no alto. Rafe voltou e pendurou o saco na corda, fazendo o nó correr para ficar firme.

“Chama-se treinamento.” Ele deu um soco no saco para demonstrar. “Percebe?”

Ela percebeu. E então se sentiu intoleravelmente tola. Na infância, Rafe sempre a provocava, mas de todas as maldades que ele fez ao longo dos anos...

“Desculpe estragar sua diversão”, ele disse.

“Minha diversão?!”

“Esse é um famoso passatempo das mulheres, sabe? Tentar me salvar de mim mesmo.” Ele lhe deu um olhar convencido e passou por ela.

Clio ficou corada – mas essa era a palavra errada. Se “corar” fosse equivalente a um sussurro, naquele momento as bochechas dela estavam gritando! Ridículas de tão cor-de-rosa, como um flamingo ou algo assim.

Homem desprezível, perturbador.

Uma vez, quando era apenas uma garotinha, Clio viu uma briga na vila. Um homem que comprava avelãs questionou o vendedor quanto à honestidade de sua balança. Os dois discutiram, gritaram... e uma briga irrompeu. Ela nunca se esqueceu do modo como a atmosfera mudou em um instante. Todos por perto sentiram a mesma coisa. A sensação de perigo formigava.

Clio nunca testemunhou outra troca de socos. Mas ela sentia o mesmo formigamento no ar sempre que Rafe Brandon estava por perto. Ele parecia *carregar* certas coisas consigo, do mesmo modo que outros homens carregavam uma maleta ou uma bengala. Coisas como intensidade e força bruta contida – mas prestes a se libertar. A essa sensação de perigo se unia a de expectativa. E a promessa de que, a qualquer momento, as regras que governam a sociedade poderiam perder o sentido.

Sua vida de libertino era segredo para alguém? Honestamente, os espartilhos não se desamarravam sozinhos.

“Eu pensei que você tivesse parado de lutar”, ela disse.

“Todo mundo está pensando que eu parei de lutar. E é isso o que vai fazer da minha volta ao esporte algo tão emocionante. E lucrativo.”

Ela pensou que isso obedecia a um tipo estranho de lógica.

“Agora explique-se.” Ele cruzou os braços. Aqueles braços grandes... grandes não, imensos... ah, sem palavras para definir. “O que diabos você está fazendo? Devia saber que não é bom vir a um lugar desses.”

“Eu sei e não vim sozinha. Dois criados estão me esperando lá fora.” Em um impulso tolo, ela acrescentou, “e nós combinamos um sinal.”

“Um sinal”, ele arqueou a sobrancelha.

“Isso, um sinal.” Ela continuou antes que ele quisesse saber mais. “Eu não precisaria vir até aqui se você tivesse deixado algum outro meio de contato. Tentei encontrá-lo no Harrington.”

“Eu não tenho mais quarto no Harrington.”

“Foi o que me informaram. E então me disseram que este é o seu endereço atual.” Ela o seguiu até onde pareciam ser seus aposentos. “Você mora *mesmo* aqui?”

“Quando estou treinando, moro. Sem distrações.”

Clio olhou em volta. Ela não tinha estado em muitas residências de solteiros, mas sempre as imaginou atulhadas e cheirando a coisas não lavadas – louça, roupa e corpos.

O armazém de Lorde Rafe não cheirava a nada desagradável. Apenas serragem, café e o aroma tênue de... óleo essencial de gaultéria, talvez? Mas o lugar era espartano. Em um canto viu uma cama simples, um armário e algumas prateleiras, além de uma mesa pequena com dois bancos.

Ele pegou dois copos no armário e os colocou sobre a mesa. Em um deles Rafe despejou dois dedos de xerez. No outro, esvaziou um bule de café e adicionou um toque de um xarope de cheiro forte, tirado de uma misteriosa garrafa marrom. A isso tudo acrescentou três ovos crus.

Ela o observava, com uma vontade imensa de vomitar, enquanto Rafe mexia aquela mistura repulsiva com um garfo.

“Com certeza você não vai...”

“Beber isso?” Ele ergueu o copo e engoliu o conteúdo de uma só vez, depois recolocou o copo sobre a mesa. “Três vezes por dia.”

“Oh.”

Ele empurrou o xerez para ela.

“Este é seu. Parece que você precisa de um gole.”

Clio encarou o conteúdo do copo enquanto ondas de náusea sacudiam seu estômago.

“Obrigada.”

“É o melhor que eu posso fazer. Como pode ver, não estou preparado para receber visitas sociais.”

“Não vou tomar muito do seu tempo, prometo. Só parei para...”

“Entregar o convite de casamento. Não se preocupe, vou enviar uma carta aos noivos com os meus pêsames.”

“O quê? Não. Quero dizer... Imagino que você saiba que Lorde Granville está, afinal, voltando de Viena.”

“Eu soube. E Piers lhe deu permissão para planejar o casamento mais suntuoso que puder imaginar. Eu mesmo vou assinar as faturas.”

“Bem, sim. Quanto a essas assinaturas...” Clio torceu o rolo de papéis em sua mão.

Ele se afastou da mesa.

“Isso tem que ser rápido. Não posso perder tempo conversando.”

Lorde Rafe parou debaixo de uma barra de ferro paralela ao chão, que estava a cerca de um metro acima de sua cabeça. Em um salto, ele a agarrou e então começou a se erguer, flexionando os braços... Várias vezes.

“Continue”, ele disse ao ultrapassar a barra com o queixo pela quarta vez. “Eu posso conversar enquanto faço isso.”

Talvez *e/e* pudesse, mas Clio começava a achar difícil. Não estava acostumada a conversar com um homem seminu, ocupado com esse tipo de... exercício muscular. Uma sensação estranha percorreu suas veias.

Ela pegou o copo de xerez e deu um gole cauteloso.

Ajudou.

“Imagino que você não saiba que meu tio Humphrey morreu há alguns meses.” Ela fez um gesto dispensando os pêsames antes que Rafe pudesse se manifestar. “Não foi um choque. Ele já tinha idade avançada. Mas o doce velhinho me deixou uma herança em seu testamento. Um castelo.”

“Um castelo?” Ele gemeu ao ultrapassar a barra mais uma vez. Então parou ali, os músculos tensos devido ao esforço. “Uma pilha

de ruínas no pântano, com uma montanha de impostos atrasados, eu imagino.”

“Na verdade, não. O castelo fica em Kent e é um encanto. Era uma das propriedades pessoais dele. Meu tio era o Conde de Lynforth, se você não está lembrado.”

Bom Deus, como ela tagarelava. *Controle-se, Clio.*

“É ideal para um casamento, então.” A voz saiu comprimida devido ao esforço.

“Imagino que sim. Para o casamento de alguém. Mas estou indo para lá hoje e passei para...”

“Contar isso para mim.” *Subiu.*

“Isso. E também...”

“Para pedir dinheiro.” *Subiu.* “Como eu já disse, você pode gastar o quanto quiser no seu casamento. Envie as contas para os administradores do meu irmão.”

Clio fechou os olhos bem apertados e depois os abriu devagar.

“Lorde Rafe, por favor. Você faria a gentileza de parar...”

“De completar suas frases?”

Ela reprimiu um rosnado. Ele parou no meio do exercício.

“Não vá me dizer que eu errei alguma?”

Ela não podia lhe dizer isso. Não com sinceridade. Essa era a parte mais irritante.

“Como eu disse”, ele continuou, “Eu estou treinando.” Cada frase era pontuada por outra subida. “É isso o que nós, lutadores profissionais, fazemos. Nós nos concentramos.” *Subiu.* “Antevemos.” *Subiu.* “E reagimos. Se isso a incomoda, procure ser menos previsível.”

“Estou cancelando”, ela disparou. “O casamento, o noivado. Tudo. Estou cancelando tudo.”

Ele se soltou e pousou no chão. O ar pesou ao redor dos dois. E a expressão sombria dele contou para Clio, sem dúvida nenhuma, que ele não tinha previsto *isso*.



Rafe a encarou.

Aquele mês não estava se desenrolando como havia planejado. Ele tinha se enfiado naquele armazém para treinar para o seu retorno. Quando enfrentasse Jack Dubose pela segunda vez, seria a maior luta de sua vida e a maior bolsa já oferecida na história da Inglaterra. Para se preparar, precisava de condicionamento físico intenso, sono sem perturbações e comida nutritiva... E, absolutamente, nenhuma distração.

Então, quem resolvia entrar pela sua porta? Ninguém menos que a Srta. Clio Whitmore, sua distração mais íntima e persistente. É claro.

Os dois sempre se estranharam, desde quando eram crianças. Ela era o retrato da “rosa inglesa”, com o cabelo claro, os olhos azuis e as feições delicadas. Bem-educada, acolhedora e refinada. Além de irritante de tão doce. Resumindo, Clio Whitmore era a encarnação da sociedade civilizada. Tudo que Rafe sempre desdenhou. Tudo que ele tinha jurado arruinar... E devia ser isso que tornava tão tentadora a ideia de arruiná-la.

Sempre que Clio estava por perto, ele não conseguia resistir a chocar as noções de decoro dela com uma demonstração de força bruta. Rafe gostava de atormentá-la até fazer as bochechas de Clio adquirirem um tom exótico de rosa. E ele imaginou, muitas vezes, como ela ficaria com aquele coque dourado desfeito, embaraçado pelo amor e úmido de suor.

Ela era a prometida do seu irmão. Era errado pensar em Clio daquela forma. Mas Rafe nunca fez muita coisa certa fora de um ringue de boxe.

Desviou o olhar do lenço branco rendado que escondia o decote dela.

“Eu acho que ouvi mal”, ele disse.

“Oh, estou certa de que me ouviu muito bem. Estou com os documentos bem aqui.” Ela desenrolou o maço de papéis que trazia na mão enluvada. “Meus advogados os redigiram. Você gostaria que eu resumisse?”

Aborrecido, ele estendeu a mão para pegar os papéis.

“Eu sei ler.” *Mais ou menos.*

Da mesma forma que todos os documentos legais colocados à frente dele desde a morte do velho marquês, aqueles estavam

escritos em garatujas tão pequenas e apertadas que eram indecifráveis. Só de olhar para aquele garrancho, Rafe ficou com dor de cabeça. Mas aquela olhada rápida foi suficiente. Aquilo era sério.

“Estes documentos não são válidos”, ele disse. “Piers teria que assiná-los primeiro.”

“Bem, sim. Existe uma pessoa com poder de assinar por Piers na ausência dele.” Os olhos azuis dela se fixaram nos olhos dele.

Não. Rafe não podia acreditar nisso.

“É por isso que você está aqui. Quer que eu assine isso.”

“Isso mesmo.”

“Impossível.” Ele recolocou os papéis na mão dela, depois caminhou até o saco de pancada e o acertou com um cruzado poderoso de direita. “Piers está voltando de Viena para casa. E você deveria estar planejando o casamento.”

“É por isso mesmo que eu esperava ver estes papéis assinados antes de ele chegar. Parece melhor assim. Eu odiaria participar de um conflito e...”

“E conflitos são minha especialidade”, ele completou.

Ela deu de ombros.

“Isso.”

Rafe baixou a cabeça e desferiu uma série de socos no saco de pancada. Dessa vez ele não estava se exibindo. Seu cérebro trabalhava melhor quando seu corpo se movimentava. Lutar o colocava no seu ponto máximo de concentração, que era do que estava precisando naquele momento.

Por que diabos Clio queria desfazer o noivado? Ela foi uma debutante criada para conseguir um casamento vantajoso, do mesmo modo que cavalos puro-sangue são criados para correr. Um casamento suntuoso, com um marquês rico e atraente, deveria ser o maior sonho dela.

“Você não vai conseguir um pretendente melhor”, ele disse.

“Eu sei.”

“E você tem que *querer* se casar. O que mais pode esperar da sua vida?”

Ela riu com o copo de xerez na boca.

“O que mais, não é mesmo? Não é como se nós, mulheres, tivéssemos permissão para ter nossos próprios interesses ou

carreiras.”

“Exato. A menos...” Ele parou quando estava prestes a desferir outro soco. “A menos que exista outra pessoa.”

Ela ficou quieta por um instante.

“Não existe ninguém.”

“Então é só a expectativa que está deixando você nervosa. Você só está com medo.”

“Eu não sou nenhuma noiva medrosa. Apenas não quero me casar com um homem que não quer se casar comigo.”

“Por que você pensa que ele não quer se casar com você?” Rafe soltou um gancho de direita no saco, depois um de esquerda.

“Porque eu olhei para o *calendário*, entende? Passaram-se oito anos desde que ele me pediu em casamento! Se você quisesse mesmo se casar com uma mulher, esperaria tanto tempo para torná-la sua?”

Rafe deixou os punhos descansarem ao lado do corpo e se virou para ela, ofegante. Seus pulmões se encheram com o aroma de violetas. Droga, até o *cheiro* dela era doce.

“Não”, ele respondeu. “Eu não esperaria tanto tempo.”

“Imaginei que não.”

“Mas”, ele continuou, “eu sou um vagabundo impulsivo. E estamos falando de Piers. Ele é o filho leal e honrado.”

Ela arqueou a sobrancelha, expressando incredulidade.

“Se formos acreditar nos jornais de fofocas, ele tem uma amante e quatro filhos escondidos em algum lugar.”

“Eu não leio os jornais de fofocas.”

“Talvez você devesse, pois aparece neles com frequência.”

Ele não duvidava. Rafe sabia das coisas horríveis que diziam a seu respeito, e aproveitava cada oportunidade para encorajar as fofocas. Reputação não vencia lutas, mas atraía multidões e enchia os bolsos.

“Não é como se Piers não tivesse tido *razões* para adiar. Ele é um homem importante.” Rafe teve que se esforçar para manter o rosto sério. Quem diria, ele fazendo elogios ao irmão. Isso não acontecia com frequência. Não acontecia nunca. “Teve aquele posto na Índia. Depois o outro em Antígua. Ele voltou para casa entre as duas missões, mas houve algum problema.”

“Eu estava doente.” Ela falou e baixou a cabeça.

“Certo. Depois teve uma guerra que precisou de atenção, e outra depois dessa. Agora que todos os tratados foram concluídos em Viena, ele está voltando para casa.”

“Não é que eu me ressinta do senso de dever dele”, ela disse. “Nem do quão essencial ele se tornou para a Coroa. Mas tem se tornado demasiadamente claro que eu não sou *essencial* para ele.”

Rafe esfregou o rosto com as duas mãos enquanto rosnava.

“Meus advogados me disseram que tenho base para um processo por quebra de promessa. Mas eu não queria constrangê-lo. Agora que tenho o Castelo Twill, não preciso da segurança do casamento. Uma dissolução discreta é melhor para todos os envolvidos.”

“Não. Não é melhor. Não mesmo.”

Não era o melhor para Piers, nem para Clio. E, com certeza, não era o melhor para Rafe. Tinha adiado sua carreira de lutador profissional depois da morte do pai. Ele não teve escolha. Com Piers fora do país, Rafe se viu, ainda que de má vontade, no comando da fortuna Granville.

O lugar dele era em um ringue de boxe, não em um escritório. Ele sabia disso, como também o sabiam os advogados e administradores, que mal conseguiam esconder seu desdém. Eles apareciam armados com pastas, livros-caixa e dezenas de assuntos para que ele resolvesse, mas antes de Rafe entender a primeira questão, eles já estavam discutindo a próxima. Cada reunião deixava-o agitado e fervendo de ressentimento – como se tivesse sido enviado para Eton outra vez.

Rafe quase podia ouvir o pai se revirando na cova, cuspidando vermes e bravejando aquelas mesmas palavras irritantes e conhecidas: *Filho meu não vai ser um bruto sem educação. Filho meu não vai desgraçar o legado desta família.*

Rafe sempre foi uma decepção. Ele nunca foi o filho que seu pai queria. Mas fez sua própria vida, ganhou seu próprio título – não de “lorde”, mas de “campeão”. Assim que Piers voltasse para a Inglaterra e se casasse, Rafe estaria livre para lutar de novo e recuperar seu título.

Se Clio cancelasse o casamento, contudo...? Seu irmão viajante poderia lhe dar as costas e desaparecer por mais oito anos.

“Piers, provavelmente, também gostaria desse mesmo desfecho”, disse Clio. “Ele gostaria de escapar do compromisso, mas sua honra não permitiria que ele o dissesse. Quando souber que a dissolução está feita, imagino que ficará aliviado.”

“Piers *não* vai ficar aliviado. E eu não vou deixar que você faça isso.”

“Eu não quero briga.” Ela enrolou os papéis e bateu a mão no alto deles. “Por favor, perdoe minha intrusão. Vou embora, agora. E vou levar estes documentos comigo para Kent. Se você mudar de ideia quanto a assiná-los, vou estar no Castelo Twill. Fica perto da vila de Charingwood.”

“Não vou assinar. E guarde minhas palavras, você não vai pedir para que ele os assine. Quando Piers voltar, verá que as fofocas não têm fundamento. Você vai se lembrar das razões pelas quais aceitou ser a noiva dele. E *irá* casar com ele.”

“Não. Não vou.”

“Pense bem. Você será uma marquesa.”

“Não”, ela disse. “Não vou mesmo.”

O tom de voz baixo e solene de Clio irritou Rafe mais do que gostaria de admitir. Diabo, até as palmas da mão dele estavam começando a suar. Era como se ele pudesse sentir que sua carreira – tudo pelo que tinha trabalhado, a única coisa que fazia sua vida valer a pena – escorregasse de suas mãos.

Ela se moveu em direção à saída e ele se apressou para pegá-la pelo braço.

“Clio, espere.”

“Ele não me *quer*.” A voz dela falhou. “Você não consegue entender isso? Todo mundo sabe. Eu demorei tempo demais para ver a verdade. Anos demais. Mas cansei de esperar. Ele não me quer mais e eu não o quero. Tenho que proteger meu coração.”

Maldição. Então era disso que se tratava. Ele deveria ter imaginado. A razão para a relutância repentina dela era tão evidente quanto o leão no brasão dos Granville.

Rafe era o rebelde da família, mas Piers tinha sido esculpido na mesma pedra de onde saiu o pai. Honrado, orgulhoso, inflexível. E, acima de tudo, sem vontade de demonstrar emoções. Rafe não tinha nada em comum com uma debutante da sociedade, mas sabia

como magoava se sentir indesejado pelo Marquês de Granville. Afinal, ele passou a própria adolescência faminto pelo menor sinal de aprovação ou afeto de seu pai – e se odiava porque esses sinais nunca vieram.

“Piers quer você.” Ele impediu a objeção dela massageando o braço dela com seu polegar. *Deus, como sua pele era macia.* “Ele vai querer. Faça seus planos de casamento, Clio. Porque quando ele a vir outra vez, o que irá sentir vai ser como um soco nas costelas. Vai vê-la naquele vestido grandioso, rendado, com florzinhas espalhadas pelo seu cabelo. Ele vai querer assistir a você caminhando pelo corredor da igreja, ao mesmo tempo que sentirá o peito inchar e quase explodir de orgulho a cada passo que você der. E, acima de tudo, ele vai querer ficar diante de Deus, amigos e família, de toda a sociedade londrina, só para dizer para todo mundo que você é dele. Dele e de ninguém mais.”

Ela não respondeu.

“Você também vai querer isso.” Ele apertou de leve o braço dela antes de soltá-la, então tocou rapidamente o queixo de Clio. “Guarda minhas palavras. Vou ver você se casar com meu irmão dentro de um mês – ainda que eu mesmo tenha que planejar o maldito casamento.”

“O quê?!” Ela estremeceu. “Você? Planejar o casamento?”

Um sorrisinho brincou nos lábios dela enquanto Clio olhava para as vigas expostas do teto, as paredes de tijolo à vista, os móveis toscos... Depois se voltou para ele – a coisa mais bruta e deselegante naquela sala.

“Agora estou quase com pena de o casamento não acontecer”, ela disse, afastando-se. “Porque *isso* seria engraçado de ver.”



Capítulo Dois

“Qual quarto você acha que Daphne e Sir Teddy vão preferir?”

Clio estava no corredor, parada entre duas portas. Ela passou as mãos agitadas pelas saias de seu novo vestido de seda verde.

“Será que nós os colocamos no Quarto Azul, cujas janelas têm vista para o parque? Ou eu lhes dou o quarto maior, ainda que tenha vista para o lado mais escuro da propriedade?”

Anna remexia nos cabelos de Clio, de onde tirou um último papelote.

“Srta. Whitmore, se quer a minha opinião, acho que não deveria se incomodar com isso. Seja qual for o quarto que você escolher, ela vai encontrar algum defeito.”

Clio suspirou. Era verdade. Se o quarto tivesse uma porta para fechar e uma vela para ler, Phoebe ficaria contente. Mas Daphne era como a mãe delas – impossível de satisfazer.

“Vamos colocá-las neste aqui”, ela disse, entrando no primeiro quarto. “Este é mesmo o melhor.”

O Quarto Azul possuía janelas muito altas com uma vista generosa dos lindos jardins do Castelo Twill. Cercas vivas muito verdes. Roseiras de infinitas variedades. Pérgulas viçosas com trepadeiras em flor. E, acima de tudo, a paisagem ondulante de Kent no alto verão. Os campos eram do mesmo verde-esmeralda que seu vestido novo, e o ar recendia a flores e grama amassada – como se o sol fosse um ímã pendurado no céu que extraía vida da terra. Puxando tudo que fosse verde e fresco.

Se alguma coisa conseguiria impressionar sua irmã, tinha que ser esse quarto. Essa vista. Esse castelo *maravilhoso*. Que agora pertencia, graças a algum capricho de seu tio, a Clio.

O Castelo Twill era a chance de ela conseguir tudo o que sempre desejou! Independência, liberdade, segurança. Um futuro que já seria dela se Rafe tivesse cooperado.

Ela devia saber que não adiantava pedir. Rafe Brandon não era capaz de cooperação, da mesma maneira que leões não cooperam com zebras. Não era da natureza dele. Cada parte explosiva do corpo dele era constituída de rebeldia e desafio... trabalhada com musculação pesada.

Dois pontos brancos distantes chamaram sua atenção. Duas carruagens, levantando poeira no caminho de cascalho.

“Elas chegaram!” Clio avisou. “Oh, céus. Elas chegaram.”

Ela atravessou o corredor às pressas em direção à escada principal, parando para espiar cada quarto no caminho.

Bom. Bom. Perfeito. Não exatamente perfeito.

Parando de súbito enquanto descia a escadaria, Clio endireitou um quadro pendurado na parede. Então continuou descendo o mais rápido que ousava e atravessou correndo o hall de entrada até chegar à porta, já aberta.

Duas carruagens paravam junto à entrada. Criados começaram a sair do segundo veículo e a descarregar malas e baús. Um criado se apressou a abrir a porta da carruagem da família.

Daphne surgiu primeiro, usando um vestido de viagem lavanda e um bolero com bordado combinando – o que havia de mais fino da moda naquele verão.

Clio se adiantou, de braços esticados.

“Daphne, querida. Como foi a viag...”

Daphne fulminou os criados com o olhar.

“Sério, Clio. Não me trate como qualquer uma. Eu tenho um título, agora.”

Depois de quase um ano de casamento, Daphne continuava sendo... Daphne...

Devido a todo o esforço que investiu na educação de Clio, a mãe delas não se dedicou o suficiente para moldar a segunda filha em outra coisa que não uma pirralha maluca por moda e caçadora de libertinos. Foi uma espécie de alívio quando Daphne fugiu com Sir Teddy Cambourne no ano anterior, somente dois meses depois de seu debute. Ele era um cavalheiro fútil e vaidoso, mas pelo menos possuía renda e era um baronete. Sua irmã poderia ter se saído muito pior.

“Lady Cambourne.” Clio fez uma mesura formal. “Bem-vinda ao Castelo Twill. Estou encantada que você e Sir Teddy tenham vindo.”

“Olá, docinho.” Seu cunhado a cutucou informalmente no braço.

“Mas é claro que nós viríamos”, disse Daphne. “Não podíamos deixar você ficar sozinha aqui enquanto espera pela volta de Lorde Granville. E depois que ele retornar, nós teremos um casamento para planejar.”

Felizmente, nesse momento a irmã mais nova delas saiu da carruagem, salvando Clio de ter que inventar uma resposta.

“Phoebe, querida. É tão bom ver você.”

Clio queria abraçar a garota, mas Phoebe não gostava de abraços. Ela usava um livro grosso como escudo.

“Você ficou tão alta este verão”, Clio disse. “E tão linda.”

Aos 16 anos, Phoebe era esbelta e morena, com feições delicadas e olhos muito azuis, e estava se tornando um tipo de beleza. Levando-se apenas a beleza em conta, ela faria um sucesso enorme em sua primeira temporada. Mas havia algo... *diferente*... em Phoebe. Sempre houve. Parecia estar acontecendo tanta coisa dentro da sua cabecinha extraordinária, que ela tinha dificuldade para se relacionar com as pessoas à sua volta.

“Nós teríamos chegado horas atrás se não fosse pelo congestionamento tenebroso em Charing Cross”, Teddy disse. “E depois foram mais duas horas para atravessar a maldita ponte. *Dois horas.*”

“Achei que o cheiro fosse me fazer enjoar”, Daphne observou.

Phoebe consultou seu relógio de bolso.

“Nós avaliamos mal o horário de saída. Se tivéssemos saído vinte minutos antes, teríamos chegado cinquenta minutos mais cedo.”

“Fico feliz que agora vocês estejam aqui”, disse Clio, conduzindo-os até a entrada em arcada. “Por favor, entrem, todos vocês.”

Daphne a segurou.

“Eu entro primeiro, você sabe. Talvez você se torne uma marquesa dentro de um mês e talvez eu seja mais nova. Mas como sou casada e uma lady, tenho preferência. Pelo menos por mais algumas semanas.”

“Sim, é claro.” Clio lhe deu passagem.

A bocarra aberta do Castelo Twill engoliu todos eles e um espanto mudo comeu suas línguas.

Mesmo quatrocentos anos antes, os pedreiros sabiam como fazer uma construção impressionante. O hall de entrada do castelo tinha um pé-direito da altura do edifício. Uma escadaria grandiosa tomava parte do espaço, puxando o olhar para cima. E então, mais no alto, pinturas. Não das pequenas, mas com molduras douradas, que ocupavam cada centímetro disponível de parede.

Depois de algum tempo observando o espaço, Teddy assobiou baixo.

“Interessante, não é mesmo?”, Daphne comentou. “Grandioso. Só que eu acho que seria melhor se não fosse tão... tão velho.”

“É um castelo”, Phoebe disse. “Como poderia não ser velho?”

Daphne beliscou o braço de Clio em um gesto que parecia uma mistura de afeto e despeito.

“Mas um lar é o reflexo de sua dona. Você não devia deixar que o lugar *mostrasse* que está velho. Por exemplo, você poderia cobrir todas essas feias paredes de pedra com painéis novos de madeira. Ou com tecido francês. E depois nós poderíamos vestir *você* com seda nova.”

Daphne passou os olhos por Clio de um jeito que a fez sentir como se seu vestido novo estivesse sujo e esfarrapado. Então ela estalou a língua em uma imitação assustadoramente precisa da mãe delas.

“Não se preocupe”, ela disse, dando tapinhas nos ombros de Clio. “Nós temos algumas semanas para arrumar tudo isso. Não é mesmo, Teddy?”

“Ah, sim”, ele concordou. “Vamos garantir que o marquês não fuja de novo.”

Clio sorriu e se virou para o outro lado. Em parte porque “sorrir e olhar para outra coisa” era o único jeito de lidar com seu cunhado, mas principalmente porque algo no caminho de cascalho chamou sua atenção.

Um cavaleiro solitário se aproximava em um cavalo escuro, levantando grandes nuvens de poeira enquanto se aproximava em disparada.

“Alguém mais veio com vocês de Londres?”

“Não”, Teddy respondeu.

“Será que é...” Daphne se juntou a ela na entrada em arcada e apertou os olhos. “Ah, não. Pode ser Rafe Brandon?”

Sim. Só podia ser Rafe Brandon. Ele sempre foi um cavaleiro magnífico. Ele e os cavalos pareciam ter algum tipo de comunicação animal. Uma comunhão de naturezas bestiais.

Como se demonstrasse isso, ele fez sua montaria parar junto à entrada sem gritar nem puxar as rédeas, mas apenas usando um toque firme do joelho para que o animal estancasse. Com uma palavra calmante para o cavalo, Rafe desmontou com um movimento fluido. Botas imensas bateram no solo. Sua calça de montaria era de camurça. Todas as calças de montaria masculinas eram de camurça, mas Clio podia apostar que *aquela* camurça estava mais esticada sobre as coxas *daquele* homem do que esteve no próprio animal de onde foi tirada.

O casaco dele balançava contra o vento. Usava apenas luvas de montaria pretas, e sem chapéu. Revelando as ondas de cabelo espesso e moreno. Uma rajada de vento lhe emprestava um ar desgrenhado e libertino.

Ele era o pecado em forma humana. Não era de admirar que fosse chamado de Filho do Diabo.

“Bom Deus!”, Daphne exclamou. “Você acha que ele faz de propósito?”

Clio ficou feliz por saber que ela não era a única afetada.

“Não acho que ele faria de propósito por nossa causa. Acho que é apenas o jeito dele.”

“Imagino que você não o estivesse esperando.”

“Não.” Mas talvez ela devesse estar.

“Ah, não. Parece que ele veio com intenção de ficar.”

Quando a poeira baixou, elas puderam ver que uma carruagem seguia Rafe pelo caminho. Os estábulos do castelo ficariam abarrotados naquela noite.

“Você não pode fazê-lo ir embora?”, Daphne perguntou. “Ele é tão bruto e sem classe.”

“Continua sendo o filho de um marquês.”

“Você sabe do que estou falando. Ele não se comporta mais como um. Se é que já se comportou um dia.”

“Sim, bem. Toda família tem suas peculiaridades.” Clio bateu no ombro da irmã. “Eu vou recebê-lo. Anna e a governanta vão mostrar o seu quarto e o de Phoebe, para que possam se acomodar.”

Quando Clio saiu para recebê-lo, a silhueta de Rafe foi ficando cada vez maior em seu campo de visão. E ela sentiu que ficava cada vez mais corada.

Ele a cumprimentou com um aceno de cabeça.

“Que surpresa”, ela disse. “E estou vendo que trouxe amigos.”

Um homem emergiu da carruagem – um sujeito esguio com um sobretudo escuro, parecendo ter o comportamento jovial e tranquilo que uma pessoa precisaria ter para ser amiga de Rafe. Do interior da carruagem, ele pegou o buldogue mais atarracado, feio e velho que Clio já tinha visto. Nossa. Que pobre coisinha mais velha. Até suas rugas tinham rugas.

Assim que foi colocado no chão, o cachorro fez uma poça de urina no caminho.

“Este é Ellingworth”, Rafe o apresentou enquanto retirava as luvas de montaria.

“Boa tarde, Sr. Ellingworth.” Clio fez uma mesura.

Rafe sacudiu a cabeça.

“Ellingworth é o cachorro.”

“Você tem um cachorro?”

“Não. Piers tem um cachorro.” Ele olhou para ela como se Clio tivesse a obrigação de saber isso. Mas ela não sabia. Que engraçado. Clio não conseguia se lembrar de Piers ter mencionado possuir um cachorro. Nenhum além dos cães de caça que o zelador dele criava em Oakhaven.

“É um *suvenir* do tempo dele em Oxford”, Rafe explicou. “Existe alguma história por trás do animal. É um mascote ou foi uma peça que pregaram... As duas coisas, talvez. De qualquer modo, o cachorro está vivendo comigo. Ele tem 14 anos. Precisa de uma dieta especial e cuidados contínuos. O veterinário escreveu tudo para mim.”

Ele enfiou a mão no bolso e entregou algumas anotações para Clio. Três páginas inteiras de anotações.

“Bem”, ela disse. “Agora que eu sei que Ellingworth é o cachorro, que tal me apresentar ao seu amigo?”

“Este é o Bru...”

“Bruno Aberforth Montague”, o homem interveio. “Escudeiro.” Ele se curvou sobre a mão de Clio e a levou aos lábios. “Ao seu serviço.”

“Encantada.”

Na verdade, ela não tinha muita certeza. Nem sobre esse Sr. Montague, nem sobre Rafe.

Enquanto o Sr. Montague prendia o cachorro em uma guia e o levava para andar nas margens gramadas do caminho, ela foi atrás de algumas respostas.

“Devo imaginar que você apenas passou para assinar os documentos?”

“Claro que não. Como nós conversamos, estou aqui para planejar o casamento.”

Ela congelou.

“Ah, não.”

“Ah, sim.”

Nada de pânico, disse para si mesma. *Ainda não.*

“Pensei que você estivesse em treinamento”, ela comentou. “Nada de distrações.”

“Eu posso treinar aqui em Kent. O ar do campo é benéfico para a saúde. E você pode ajudar a manter as distrações em um nível mínimo, colaborando com os planos de casamento. Piers quer que você tenha tudo com que sempre sonhou para seu grande dia.”

“Então eu devo acreditar que isso é ideia do Piers?”

“Poderia muito bem ser.” Ele deu de ombros. “Até ele voltar, eu tenho o peso integral da fortuna e do título dele ao meu dispor.”

Agora, ela disse para si mesma. *Agora é hora de entrar em pânico.*

“Rafe, eu não posso fazer esse seu joguinho. Não esta semana. Minhas irmãs e meu cunhado acabaram de chegar.”

“Excelente. São três convidados para o casamento que não precisaremos avisar.”

Ela enrolou os papéis em suas mãos.

“Você sabe muito bem que não vai haver casamento.”

“E você já deu essa notícia para sua família?” Ele olhou para o castelo.

“Não”, ela foi forçada a admitir. “Ainda não.”

“Ah. Então você ainda não se decidiu.”

“Eu estou decidida. E você é muito constrangedor. Chegando como uma tempestade em seu cavalo preto, todo dramático e inesperado. Exigindo planejar uma grande cerimônia e me trazendo listas.”

“Eu trago todo tipo de problema, você me conhece. Mas eu também conheço você.”

Ela ficou sem fôlego. Então Clio se lembrou de que aquilo que parecia flerte era, com frequência, apenas arrogância masculina.

“Você não me conhece tanto quanto acha, Rafe Brandon.”

“Mas eu a conheço o bastante para saber que você não vai me mandar embora.”



Rafe a observou cuidadosamente. Isso não era nenhum sacrifício, observá-la com cuidado. Mas ele tinha uma razão extra nesse dia.

Clio talvez ainda não tivesse tomado sua decisão final quanto ao casamento, mas estava claro que ela não queria mais dois convidados em sua casa... Mais *três* convidados, se fossem contar Ellingworth.

Ele pegou a guia com Bruno e agachou-se ao lado do cachorro. O animal era tão velho que não escutava mais nada, mas Clio não sabia disso.

“Não se preocupe, Ellingworth.” Ele coçou o cachorro atrás da orelha. “A Srta. Whitmore é um modelo de bons modos e generosidade. Ela não jogaria um cachorro velho e indefeso no frio.” Olhou de lado para Clio. “Ou jogaria?”

“Humpf”, ela resmungou. “Eu pensei que campeões jogassem limpo.”

“Nós não estamos em um ringue de boxe. Não que eu possa ver.” Depois de pensar por um instante, ele decidiu arriscar. “Esse vestido é novo?”

“Eu...” Ela cruzou os braços, depois descruzou. “Eu não acho que isso importe.”

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Castles Ever After 2 - Diga sim ao mar..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).